



AN-ARQUIA E ANARQUISMOS

Andityas Soares de Moura Costa Matos

“Podemos ser anarquistas, mas nos opomos à anarquia”, disse certa vez Gershom Scholem, que em sua juventude foi um apaixonado leitor e praticante da anarquia, tendo inclusive influenciado seu amigo Walter Benjamin nessa direção. Com essa sentença quase cabalística em sua aparente contradição, Scholem queria evitar que a anarquia se tornasse uma tradição e perdesse seu caráter revolucionário, transformando-se em mais um “ismo”, como parece ter acontecido hoje em grande medida. É com uma intenção polêmica idêntica que apresentamos neste número da *(Des)troços: revista de pensamento radical* um dossiê sobre *an-arquia* e anarquismos, no plural, que vai desde à exposição do caráter infundado do ser, que não se resume nem a princípio nem a comando – são os dois sentidos da palavra *arkhé* –, até à denúncia da anarquia do poder que pretende capturar essa original abertura ontológica por meio de diversos dispositivos, hoje delineados sob a forma capitalista e neoliberal.

De fato, um dos elementos que caracterizam nosso tempo é a ubiquidade de dispositivos que capturam, reconfiguram e domesticam pensamentos e práticas democráticas radicais originariamente ligadas a *an-arquia*. Nesse sentido, instâncias como o mercado, a universidade e a teologia serviram para enfraquecer até mesmo correntes do pensamento intensamente críticas, como o anarquismo, transformando-o em mercadoria, em moda urbana, em niilismo irresponsável ou em simples escola filosófico-acadêmica. Contra essa tendência, os trabalhos aqui publicados revisitam autores clássicos do anarquismo – Mikhail Bakunin, Pyotr Kropotkin, Pierre-Joseph Proudhon, Emma Goldman etc. –, compreendendo que a aposta que fizeram insere-se em uma dimensão muito mais profunda do que parece à primeira vista, se relacionando com a falta de fundamento do poder e do ser, ou seja, com a *an-arquia* radical que paradoxalmente nos funda como seres sem fundamento. Uma vez reconhecida, essa potência singular e comum ameaça a estabilidade de todo poder representativo, separativo e hierárquico.

Além dos clássicos do anarquismo e de sua história (prática e teórica) nos séculos XIX e XX, há contribuições neste número que dialogam com temas, autores e grupos contemporâneos como Giorgio Agamben, Reiner Schürmann, Tiqqun, Comitê Invisível e muitos outros, para assim liberar o potencial da *an-arquia* como forma-de-vida singular que vive o tempo-de-agora. Destaca-se, nessa perspectiva, as traduções de artigos de Todd May e Saul Newman, dois dos principais teóricos do pós-anarquismo, movimento teórico que, batizado por Hakim Bey e surgido no final dos anos 90 do século passado, pretende favorecer uma miscigenação herética entre as práticas anarquistas do século XX e o pensamento pós-estruturalista de filósofos como Derrida, Foucault e Deleuze, de

forma a tornar possível uma leitura *an-árquica* da realidade que não se oriente pelo progressismo, cientificismo e essencialismo que viciou o anarquismo do século XIX, apostando antes na imanência, na tática, na fusão entre teoria e práxis, na contingência e na valorização da vida cotidiana em seus inevitáveis embates com o poder separado do Estado, do mercado e de outros Leviatãs.

Juntamente com o dossiê temático, publicamos também troços de caráter geral que se vinculam ao pensamento radical e à linha editorial do periódico, convidando todxs não apenas a lerem e a divulgarem, mas a contribuírem com nossa revista nos próximos números, tanto com textos acadêmicos quanto com ensaios, imagens, vídeos e outras formas de criação.

Agosto de 2023.